

Meus queridos Pais

Hoje domingo 29 venho-lhes escrever depois de uma bela manhã, de uma manhã agradabilíssima como não há muitas, e que não esquecerei facilmente.

A filha de Mme Oulman, gentil e encantadora como toda a família, é que me organizou, convidando-me para ir almoçar com ela e acompanhá-la a um concerto. Fui ao meio dia e, às duas, depois de um agradável almoço e de bela conversa, o automóvel dela esperava-nos à porta para nos passear no Bois de Boulogne. É bem raro eu invejar o luxo ou conforto dos outros mas quando o gozo sinto um prazer bastante grande, aprecio bem e saborei-o como uma coisa rara; ir ao Bois em automóvel particular não julgava muito provável, de modo que só esta pequena coisa me deu algum prazer. Além disso era a primeira vez que ia ao Bois e ele é belo, aquelas árvores, aquelas relvas, aquelas águas têm uma beleza muito particular que encanta. O dia estava azul e o sol já declinando fazia brilhar o verde quasi esmeralda das relvas onde as árvores projectavam a sombra dos galhos despídos. Imensa gente passeava, imensos automóveis nos cruzavam e eu vendo-me entre uma paisagem tão diferente, entre um mundo diverso, quasi que me desconhecia e me achava também diferente. Depois de uma hora deste magnífico passeio fomos para o concerto na Sala Gaveau rue Boétie e, entre uma sociedade chic e elegante, ouvi o grande Beethoven e Wagner *Sinfonia Heróica* e *Parsifal*, que me completaram o dia deixando uma bela impressão artística desta manhã que deslizou de harmonia em harmonia terminando na mais bela, a música.

Hoje é o 1º do ano, mais um ano que passou, faz-me pena sentir passar o tempo tão depressa, é qualquer coisa de mim mesmo que se vai. Há 5 anos que não estamos juntos neste dia. Eu hoje levantei-me tarde, estive escrevendo à tia, ao José Bensaúde, avó e neto, e para Lisboa mas não tenho agora tempo de me demorar porque vou-me vestir para o jantar em casa do José da Câmara. O Jacintho mandou-me um convite e tenho que ir também dar Bons anos à família Oulman. Recebi as cartas de 25 e as que vieram pelo Roma.

Eu aqui tenho levado uma vida muito regular: às sete e meia levanto-me, tomo fruta, uma grande chávena de leite e um pão pequeno, vou para a Academia ao meio dia e tanto, almoço à tarde ou vou ver algum museu ou escrevo ou leio ou passeio. Já conheço uma grande parte de Paris já me habituei a ele, começo a ter a minha vida mais organizada de modo que já não me custa; não se devem afligir quando eu disser qualquer coisa de menos alegre porque isso passa e depois vem uma longa crise de bem-estar.

Eu não tenho empenho nenhum em ir para Lisboa, é natural que eu chegando a um meio estranho estranhasse, isso passou e quanto mais me habituar mais gostarei de Paris. Fui procurar a Mme Danel, ela recebeu-me muito amavelmente e como se fosse um longo conhecimento convidou-me para todos os domingos, dia em que recebe. Hei-de ir lá algumas vezes, ela conhece a mulher do Marcelino Mesquita que vive aqui em Paris e o Paul Osório vai-me dar a morada dele, não me deu no dia em que lá estive porque a filha é que sabe e não estava, perguntou muito por ti e pela Beatriz e que eu te dissesse que tinha um grande prazer em me conhecer. Amanhã acabo esta carta, hoje vou para o jantar.

O jantar foi mais cerimonioso do que no dia de festa, que era eu e o Nuno Gago, estava o Conde de Leça e uma senhora escritora argentina rica que conversou muito comigo (ela é de idade) deu-me informação de Pierre Coulevain, li na carta da tia, chama-se Mlle Favre esta senhora, convidou-me para ir ao hotel Regina onde vive para ver as fotografias dos meus trabalhos, levar-lhe um livro de que eu lhe falei de Correia de Oliveira. Ela lê português, qualquer dia irei, como tem conhecimentos literários pode ser que encontre lá algum interesse bastante.

Tenho nestas férias perdido muito tempo com papéis e formalidades que são necessárias para entrar na Escola de Belas-Artes, ainda não tenho tudo completo, falta-me uma promessa de um professor de escultura da escola que a filha de Mme Dubie me prometeu arranjar por um conhecimento que tem de um escultor. A Mme Hecht, irmã do Oulman, apresentou-me a um escultor russo mas como é professor na

academia Julien, academia particular em que se paga, disse-me que faria o possível para me arranjar a promessa de um artista mas eu vi bem que o seu empenho é que eu fosse para a Academia Julien.

O artista a quem a Mayer me recomendou mudou de casa ou morreu, de modo que não o encontrei. A Victoria prometeu-me cartas para escultores russos e portugueses mas só me mandou para legação um rapaz da escola, prometeu-me também uma carta mas evaporou-se como as outras, e finalmente eu que julgava ter muitas, achei-me sem nenhuma e isso tem-me feito perder tempo, porque tenho que ir pouco a pouco vencendo as pequenas dificuldades que um artista que o meio não lhe custa e com a maior facilidade vence.

Não tenho o endereço do Coutinho, mandem-me.

Eu agradeço muito o teu presente, comprei uns magníficos sapatos forrados de lã. Hei-de ir vendo Paris pouco a pouco. Mando neste vapor um *L'Art décoratif* e o guia da Bélgica e o outro irão no próximo vapor. Um grande abraço ao pai, custa-me que ele não esteja melhor, precisa talvez de mais tempo de repouso; deve-se tratar consultar o Henrique d'Aguiar e pensar em si e não só em negócios.

Um abraço ao Mário e Beatriz

Ernesto do Canto